

.....

TRABALHO, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO SOCIAL: CONSTRUINDO EMPRE- ENDIMENTO DE BASE SOCIAL

Adriana Alves Bicca¹

João Antolino Monteiro²

Resumo: O presente artigo é resultado de um projeto de extensão, de criação de uma Incubadora Social, buscando promover a interação da universidade com a sociedade no seu meio de atuação. Permitiu que os conhecimentos gerados nela fossem levados para a sociedade, criando assim, um campo de experimentação aos professores e estudantes envolvidos nesse processo. Proporcionou a troca de saberes, novas formas de organização social, não excludentes, que permitem ao homem se realizar na plenitude, através da autonomia. A Incubadora Social realizou parcerias com entidades importantes na sociedade e com órgãos públicos. Foram realizados diversos trabalhos e mapeados os empreendimentos de Economia Solidária na região da Amarel (Associação dos municípios de Laguna).

Palavras-chave: Economia Solidária. Cooperativismo. Desenvolvimento Local. Incubadoras.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, ocorreram muitas transformações com o avanço da tecnologia e com a economia globalizada. Sendo assim, surgiram alterações na vida social, principalmente nas relações de trabalho. A partir daí, surge um movimento de pessoas excluídas do mercado de trabalho, que visam criar possibilidades reais de geração de trabalho e de renda. São fontes de iniciativas que buscam fazer frente à crise do trabalho “formal” assalariado, por meio da geração de novas formas de produção, trabalho e renda, que se referem à Economia Solidária.

Foi proposto, num projeto de extensão, como objetivo geral, implantar uma incubadora social para aproximar a Universidade dos cidadãos excluídos do mercado formal de trabalho, de vulnerabilidade social, através de apoio técnico a iniciativas de Economia Solidária

¹ Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) - Acadêmica: Adriana Alves Bicca. Graduada no curso de administração na Universidade do Sul de Santa Catarina. Bolsista do artigo 171. E-mail: adrianaalvesbicca@gmail.com.

² Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) - Professor orientador.



.....

desenvolvida por cooperativas, associações, grupos de trabalho coletivo, na região da AMU-REL (Associação dos Municípios da Região de Laguna).

Os objetivos específicos foram desafiadores, como a implantação da incubadora social; assessorar a criação de projetos sociais; permitir de forma ampliada a participação dos alunos de graduação nos projetos da incubadora social e dar assessoria a dois projetos sociais, na constituição e acompanhamento dos empreendimentos de economia solidária, através de cooperativas e ou associações visando ao desenvolvimento local sustentável na região da AMUREL.

Neste artigo aborda-se um estudo teórico sobre a Economia Solidária, o quanto ela é importante para a Incubadora Social, o cooperativismo como forma de organização das pessoas em que os lucros são divididos e não há patrão, o desenvolvimento local influenciado por alguns fatores mencionados e as incubadoras, os seus tipos e importâncias.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção objetiva-se sustentar teoricamente os assuntos referentes à Economia Solidária, Cooperativismo e Associativismo, Desenvolvimento Local e Incubadoras.

2.1 ECONOMIA SOLIDÁRIA

A Economia Solidária pode ser conceituada como um conjunto de atividades econômicas, que podem ser de produção, distribuição, finanças e de consumo, todos esses empreendimentos são organizados de forma autogestionárias, ou seja, no âmbito das quais não há distinção de classe: todos os que nelas atuam são proprietários, não existindo empregados; todos trabalham com objetivos em comum. Dentro desta forma de economia, o ser humano é valorizado, as pessoas que a compõe pensam umas nas outras.



.....

Um dos grandes expoentes da economia solidária é Paul Singer. Segundo Singer (2004, p. 92),

A Economia Solidária é o conjunto de atividades econômicas – de produção, distribuição, finanças e consumo – organizadas de forma autogestionárias, ou seja, no âmbito das quais não há distinção de classe: todos os que nelas atuam são seus proprietários e todos os que são proprietários nelas trabalham.

Gaiger (2003) define a economia solidária dentro do seu conceito, que gira em torno da ideia de solidariedade, que é a preocupação com o próximo, que leva as pessoas a se ajudarem mutuamente, sendo grande o contraste com o individualismo competitivo que caracteriza o desenvolvimento econômico padrão das sociedades capitalistas.

A economia do nosso sistema capitalista é bastante eficiente na geração de riqueza, porém é ineficiente, gerando muitas desigualdades sociais, com muita pobreza. Enquanto parte das necessidades das pessoas são satisfeitas, a de outras ficam insatisfeitas, levando a uma precária qualidade de vida. (SINGER, 2003).

Neste mesmo sentido, Alves (2004, p. 6) afirma que “a Economia Solidária é uma alternativa ao modelo de desenvolvimento que produz riquezas gerando miséria, subordinando e explorando o trabalho e a natureza”.

Para entender o que vem a ser Economia Solidária deve-se conhecer a sua história, onde tudo começou. A economia solidária, apesar de pouco conhecida, começou a ressurgir de forma esparsa na década de 1980 e tomou impulso crescente a partir da segunda metade dos anos 1990. Ela resulta de movimentos sociais que reagem à crise de desemprego em massa, como aconteceu e teve início em 1981 e se agrava com a abertura do mercado interno às importações, a partir de 1990. (SINGER, 2000).

Pode-se afirmar que a Economia Solidária é uma resposta de parte da sociedade civil às crises das relações de trabalho e ao aumento da exclusão social. Pochmann (2004, p. 23-24) aponta que “especialmente no segmento não organizado do trabalho há sinais do desenvolvimento de uma fase embrionária de Economia Solidária”. Esse segmento não organizado é chamado de grupo informal, e formado por aqueles que se encontram em situações desfavoráveis, como o desemprego. Bertucci (2005, p. 40) complementa que a Economia Solidária ma-



.....

nifesta-se como proposta de organização da produção alternativa, contrapondo ao modo de produção capitalista, formada por diversas unidades que desenvolvem atividades econômicas.

A Economia Solidária também tem grandes desafios, ao se colocar como “outra economia” ela precisa, sempre, reafirmar a importância fundamental do trabalho para os indivíduos e para a sociedade. Não bastam somente as ações coletivas, as uniões das comunidades, os movimentos sociais, se o trabalho segue atrelado ao seu repertório repetitivo, desprovido de algum sentido, alienado e explorado. Entretanto, essa prática vai muito além, atingindo padrões sociais, ecológicos, políticos e técnicos, superiores aos convencionais, com autogestão e a valorização do ser humano. (CATTANI, 2003).

Nas experiências existentes da economia solidária, no Brasil, pode-se salientar que existem dois grandes tipos de grupos formadores das experiências: que são as empresas que passaram, ou passam por situações falimentares ou pré-falimentar e ainda de origem estimulada por políticas de governos progressistas ou de iniciativas comunitárias. (TAUILE, 2001).

As iniciativas com base na forma solidária e associativa têm se multiplicado e se difundido em todo o território nacional. A sociedade civil, o poder público, e entidades dessa classe têm se unido para buscar maneiras de gerar trabalho e renda de forma coletiva e solidária. Apesar disso, a economia solidária enfrenta várias dificuldades, como a de ter como sua fonte principal e de sustentação a sua capacidade de trabalho. Contudo, os princípios intrínsecos dos empreendimentos de economia solidária não os impedem de competir no mercado e, por outro lado, possuem vantagem quanto a sua capacidade adaptativa diante dos movimentos desse mercado. (CULTI, 2010).

2.2 COOPERATIVISMO

Segundo Pinho (1966), as primeiras experiências cooperativas, denominadas de pré-cooperativas, surgem no final do século XVIII e início do século XIX, na Inglaterra, França, Alemanha e em outros países da Europa, como iniciativas contra as péssimas condições de vida dos trabalhadores. As mais antigas cooperativas são: a cooperativa dos trabalhadores dos estaleiros Woolwinch e Chatham, na Inglaterra (1760); a cooperativa de consumo dos tece-



.....

lões de Fenwich, na Escócia (1769); e a cooperativa de consumo inglesa, a Oldhan Co-operative Supply Company (1795). Depois desse período houve uma grande proliferação de cooperativas de consumo na Inglaterra.

Para Schneider (1999), o cooperativismo atualmente praticado tem sua origem nos eventos históricos do século XIX, ligados à Revolução Industrial. Nessa época, os trabalhadores eram explorados na sua força de trabalho, a jornada de trabalho era longa, chegando a 14 horas por dia, salários muito baixos e era usada, inclusive, a mão de obra feminina e infantil.

Com o avanço tecnológico ocorrido na época, grandes modificações sociais e econômicas foram provocadas, repercutindo nos sistemas de produção e promovendo ideias socialistas, visando reduzir o sofrimento da classe trabalhadora, através de iniciativas pioneiras como o trabalho coletivo e com recursos próprios dos trabalhadores. Essas ideias foram sendo colocadas em prática, sendo que, aos poucos, foram surgindo as cooperativas. (SCHNEIDER, 1999).

A primeira cooperativa com princípios cooperativistas semelhantes aos desenvolvidos na atualidade foi a de consumo e foi registrada com o nome de Rochdale Society of Equitable Pioneers, fundada no dia 21 de dezembro de 1844, na cidade de Rochdale, Inglaterra. Era composta por 28 operários, na maioria tecelões, que demitidos de seus empregos, após uma greve, criaram um armazém para consumo próprio, garantindo a sobrevivência do grupo. Ficaram conhecidos como os Pioneiros de Rochdale. (GAWLAK; RATZKE, 2004).

O cooperativismo foi criado como mais um instrumento endógeno à economia solidária. Seus princípios básicos são: a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores, possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica (SINGER, 2002).

Neste mesmo sentido, Culti (2010) diz que:

O cooperativismo preocupa-se com o aprimoramento do ser humano nas suas dimensões econômicas, sociais e culturais. É um sistema de cooperação que historicamente aparece junto com o capitalismo, mas é reconhecido como um sistema mais adequado, participativo, democrático e mais justo para atender às necessidades e aos interesses específicos dos trabalhadores.

.....

Cadernos Acadêmicos, Palhoça, SC, v.6, n. 1, Jan / Jul 2014



.....

No entanto, Benatto (1994) complementa que a doutrina cooperativista é uma doutrina econômico-social, diferente das doutrinas capitalistas e socialistas, mas ela não fica isolada das outras, o cooperativismo busca através do econômico, o social de seu elemento componente.

Quanto à classificação das sociedades cooperativas, diversos autores a propõem, segundo suas atividades e finalidades. Seguindo a classificação proposta por Hagel Filho (2003) e Rech (2000) classificam-se as cooperativas quanto à atividade: cooperativa de produção ou produtores; cooperativa de consumo ou de consumidores; de bens e serviços; cooperativa de crédito e cooperativa mista.

Segundo os autores acima, as cooperativas de produção consistem numa associação de pessoas que tem como finalidade a produção coletiva de bens ou serviços que pode estar associada à comercialização individual e apenas vendem produtos. As cooperativas mistas visam comercializar seus produtos, mas também adquirem bens e serviços em comum, beneficiando todos os cooperados. Ainda entre as cooperativas de produção, existem as cooperativas integrais cujo objetivo consiste em suprir os aspectos sociais e materiais da vida dos cooperados com produção coletiva, comercializando apenas o excedente. As cooperativas de consumo são associações de consumidores, que visam à melhoria nas condições de compra de bens e serviços. Esta última, assim como a de Rochdale, no Brasil foi uma das primeiras e existem até nos dias de hoje.

O caminho escolhido por estes trabalhadores cooperativados podem a ter entraves, devido à falta de políticas públicas ou privadas de incentivo a estas organizações, elas contam com pouco apoio em assessoria, na qualificação técnica e tecnologias que possam melhor qualificar seus serviços e produtos. A questão cultural também é muito forte, por não ter apoio e atenção dos dirigentes políticos. Porém, Klaes (1982) diz que as cooperativas são consideradas “[...] um dos meios mais eficazes para aperfeiçoar e democratizar os processos econômicos, melhorar as condições de vida e proporcionar bem estar geral”.



.....

2.3 ASSOCIATIVISMO

Segundo Soufen (2008), associativismo é a união de pessoas diferentes, em busca de um objetivo comum, com base de cooperação entre os envolvidos, sujeitas a acertos e erros, com fortalezas e fraquezas. É importante ter perfil para participar do grupo, com aceitação da cultura, do processo de mudança e se relacionar com o mesmo. Soufen diz ainda que, 90% dessas empresas associativas fracassam por problemas de relacionamento e comportamento humano.

O conceito de associativismo concebido por Scherer-Warren (2001, p.42) nos remete a uma melhor compreensão:

[...] formas organizadas de ações coletivas empiricamente localizáveis e delimitadas, criadas pelos sujeitos sociais em torno de identificações e propostas comuns, como para a melhoria da qualidade de vida, defesa de direitos de cidadania, reconstrução ou demandas comunitárias.

Para Frantz (2002), as necessidades, os desejos e os interesses comuns em direção ao melhor impulsionam os sujeitos a agirem de forma coletiva, implementando ações que visam à concretização desses interesses comuns.

Leonello (2010), diz que: “uma associação é uma sociedade civil que não possui fins lucrativos, onde os indivíduos se organizam para atender aos seus interesses de forma democrática”. No mesmo sentido, a lei que regulamenta as sociedades de cooperativas do Brasil, de nº 5764, de 1971, define, em seu artigo 3º, as cooperativas como: “contrato entre pessoas que reciprocamente se obrigam a contribuir com bens ou serviços para o exercício de uma atividade econômica comum, sem objetivo de lucro”.

No associativismo, segundo Soufen (2008), existem fatores que dificultam o mesmo, como: individualismo; falta de metas e objetivos; falta de conhecimento das funções; conflitos; falta de liderança; falta de vontade de mudar; participação; competição; falta de visão empresarial – foco no resultado; falta de troca de experiências; falta de ações e normas regimentais.

No contexto da economia solidária, o associativismo está sendo apontado nos planos econômico, social e político como resposta aos efeitos da globalização econômica que obriga



.....

os países a reduzirem seus custos e “saírem” do assistencialismo, porque cada região necessita de flexibilidade para arranjar seus fatores e tornar-se competitiva, diante da nova ordem mundial consolidada nos anos 1990. (CASAROTO FILHO, 2001).

Leonello (2010) aponta a importância na associação de pequenos produtores no meio rural: “[...] percebemos que o associativismo se apresenta como responsável pelo desenvolvimento local e social, e como construtor de vínculos sociais e identidade coletiva diante da crise do mundo do trabalho, que também é a crise social, uma crise dos vínculos sociais”.

2.4 INCUBADORAS

Na década de 80 surgem as primeiras incubadoras de empresas no Brasil com objetivo de desenvolvimento sustentável de ideias e negócios. Desde então, são apoiadas e incentivadas por centros universitários que possuem boa infraestrutura científica e tecnológica com disponibilidade de recursos humanos qualificados que possibilitem assessoria, treinamento, acesso as informações, recursos materiais e o compartilhamento de equipamentos e espaços físico. (GUIMARÃES et al, 2010).

É um grande desafio o trabalho cooperativo da troca solidária, que busca a cooperação para a emancipação dos objetivos em comum e não para sua submissão aos interesses econômicos das grandes corporações e do mercado financeiro. Trabalhar nesses parâmetros implica desconstruir relações interpessoais, educativas, sociais, políticas e econômicas, dentro de uma lógica diferente das relações instituídas ao longo da sociedade capitalista. Contudo, todos os esforços e iniciativas de apoio, que venham corroborar a valorização social do trabalho humano, são benefícios de todos. (GIRELLI, [2007?]).

Coutinho et al (2005), menciona a dificuldade para as incubadoras que trabalham na economia solidária é desenvolver métodos de incubação capazes de viabilizar não apenas a existência de grupos, empreendimentos (coletivos) organizados para o trabalho, mas ainda funcionando efetivamente como células autogestionárias e comprometidas com os princípios orientadores na economia solidária e a inserção dessas células em complexas redes, e ao mesmo tempo enfrentar o mercado capitalista, que essa forma de economia é muito tímida.



.....

De acordo com o SEBRAE/SC (2009), existem oito tipos de incubadoras, que são: Incubadoras de Base Tecnológica; Incubadoras de Setores Tradicionais; Incubadoras Mistas; Incubadoras de Empresas/Agronegócios; Incubadoras de Cooperativas; Incubadoras de Empresas Culturais; Incubadoras de Design e Incubadora Social.

De acordo com Gallon (apud QUADROS, 2009, p.34), “as incubadoras ainda podem ser classificadas em dois tipos básicos: públicas e privadas”. As públicas têm a finalidade de criar oportunidades para a sociedade, grande parte financiada pelo governo, entidades sem fins lucrativos. Já as privadas possuem fins lucrativos, são empresas que objetivam criar novas tecnologias e negócios, com participação de investimentos financeiros e institucionais. Sendo que, “a maioria das incubadoras de empresas teve origem ou está vinculada às instituições privadas sem fins lucrativos, e não possui personalidade jurídica distinta destas instituições”. (GALLON apud ANPROTEC, 2005).

No Brasil, as incubadoras tecnológicas são as mais importantes, por terem o compromisso de socializar o conhecimento de forma que universidade e sociedade se tornem parceiras na transformação social. A implantação de incubadoras sociais é uma das ações que atendem ao propósito das universidades, com intuito de transmitir o conhecimento, desenvolver projetos e de atender a comunidade em geral. A incubadora proporciona aos trabalhadores informais, desempregados, uma oportunidade de construção de alternativas que possibilitem o acesso ao mercado de trabalho, na perspectiva da conquista de direitos. (GIRELLI, [2007?]).

A Incubadora Social tem como foco nas suas atividades a ética social aplicada para desenvolvimento de atividades de valores universais, como: a inclusão social, geração de emprego e renda, diminuição das desigualdades socioeconômicas, proporcionando mais a cidadania, a educação, o desenvolvimento local e etc. (FÁBRICA CARIOCA DE CATALISADORES, 2009).

A metodologia de incubação deve ter a clareza da necessidade de educação unitária, que busque superar a fragmentação do conhecimento por via de um processo interativo entre os agentes, educadores e educandos. Autores como Eid e Gallo (2001), Culti (2002), Eid (2002) e Melo Neto (2002) propõem uma metodologia: a) Implantação e avaliação do trabalho das incubadoras; b) Incubação nas suas etapas (pré-incubação, incubação e desincubação)



.....

e a avaliação participativa dos empreendimentos incubados (fatores de desenvolvimento, crise, sucesso, insucesso, redefinição de estratégias); c) Intercâmbio entre incubadoras para implantação de novas incubadoras; d) Intercâmbio entre EES no sentido da construção de Redes de Economia Solidária.

Segundo Girelli (2007), a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Unochapecó (ITCP) tem como metodologia:

Pré-incubação: refere-se a todas as atividades necessárias à identificação das demandas até a seleção das iniciativas a serem incubadas e envolve: a) Contatos iniciais com os grupos [...]. b) Cadastramento das demandas: o cadastramento será feito mediante o preenchimento de formulário específico elaborado pela ITCP, mediante informações fornecidas pelos próprios demandantes ou por outro agente interessado. c) Diagnóstico participativo e estudo de viabilidade econômica e social do empreendimento [...]. d) Seleção dos empreendimentos a serem incubados.

Incubação: considera todos os procedimentos necessários à viabilização econômica e social do empreendimento, desenvolvidos num prazo de 1 a 3 anos [...]. a) Elaboração do projeto do empreendimento [...]. b) Capacitação dos empreendedores. c) Assessoria no processo de gestão e assessoria especializada. d) Capacitações eventuais e assessoria [...].

Encerramento do processo de Incubação: Todo o processo de incubação será desenvolvido na perspectiva de construção da autonomia dos grupos/empreendimentos. À medida que o grupo for se capacitando para desenvolver suas atividades de modo autônomo e independente, as atividades de incubação serão gradativamente reduzidas até seu encerramento.

Pós-incubação: Depois de encerrado o processo de incubação, serão realizadas atividades periódicas (aproximadamente 6 meses) de acompanhamento e avaliação dos resultados da incubação, na perspectiva do cumprimento da função social da universidade, do cumprimento da missão e objetivos da ITCP e da inserção dos empreendimentos na rede de sujeitos da Economia Solidária (ECOSOL).

Quanto ao monitoramento e avaliação da incubação: A equipe técnica e os docentes da ITCP monitoram os empreendimentos em todos os momentos da incubação. No início de cada ano, independente da fase da incubação, a equipe da ITCP realiza uma rodada de visitas para avaliar o andamento das ações previstas no planejamento estratégico realizado no ano anterior. Os dados coletados são reunidos, sistematizados e apresentados em reunião com toda a equipe da ITCP. De acordo com as demandas levantadas pelos empreendimentos, a equipe avalia o que é de competência da Incubadora (planejamento Operacional) e retorna ao empreendimento para traçar em conjunto um novo plano de ação (Planejamento Tático).

2.5 DESENVOLVIMENTO LOCAL

Segundo Favareto (2004), o conceito de desenvolvimento local remete à geração e ampliação das oportunidades reais dos seres humanos presentes nos processos democráticos,

.....

Cadernos Acadêmicos, Palhoça, SC, v.6, n. 1, Jan / Jul 2014



.....

“consubstanciados no estímulo ao desenvolvimento de todas as potencialidades humanas e sociais de um território”.

Para sintetizar o conceito de desenvolvimento local, Boisier (1999, p. 86, apud FAVARETO, 2004) afirma que:

O desenvolvimento local busca viabilizar o processo de construção de uma capacidade social (em uma localidade ou território) direcionada para promover ações conjuntas e participativas, convergente a fins coletivos e democraticamente aceitos, voltados para obter um resultado final que apresenta proporções mais amplas do que a situação anteriormente dada.

Segundo Magalhães (2004), tanto os fatores internos (grau de cooperação e capacidade de gestão de negócios) quanto os fatores externos (cooperação entre grupos de empreendimentos, articulação com centros de tecnologia e acesso a mercados) são elementos importantes no processo. É necessário interagir diversos fatores na construção de estratégias de desenvolvimento local a partir do incentivo aos empreendimentos.

Neste contexto, para acontecer um desenvolvimento sustentável sob uma estratégia solidária, é preciso conhecer as organizações políticas existentes, bem como, saber quais os recursos, materiais e humanos podem ser mobilizados, pois, como afirmou Favareto (2004, p. 39):

Qualquer empreendimento – uma empresa tradicional, uma cooperativa – depende enormemente das instituições políticas existentes. No caso dos empreendimentos solidários isto é ainda mais forte, uma vez que, em geral, trata-se de grupos formados a partir de situações de grande precariedade e com pouca experiência na organização de negócios e na disputa de mercados.

Buarque (1994), diz que: desenvolvimento local é um processo endógeno verificado em pequenas regiões e agrupamentos humanos sendo capaz de alavancar o crescimento econômico e a conseqüente melhoria da qualidade de vida da população. Provoca uma transparente transformação nas bases econômicas e na organização social em nível local, partindo da sinergia entre os atores, utilizando as suas capacidades e potencialidades específicas.

Afirma Haveri (1996), que “as comunidades procuram utilizar suas características específicas e suas qualidades superiores e se especializar nos campos em que têm uma vantagem comparativa com relação às outras regiões”. Com isso, para Milani (2005), o desenvolvimento local pressupõe uma transformação consciente da realidade local, o fator ambiental



.....

assume fundamental importância, possibilita o surgimento de comunidades mais sustentáveis, capazes de suprir suas necessidades imediatas, descobrirem vocações locais e despertar suas potencialidades específicas.

Segundo Zapata (2001, p. 1), o conceito de desenvolvimento local se apoia na ideia de que as localidades e territórios dispõem de recursos econômicos, humanos, institucionais, ambientais e culturais, além de economias de escalas não exploradas, que constituem seu potencial de desenvolvimento.

Contudo, Franco (2000) resume todos esses conceitos, “desenvolvimento deve melhorar a vida das pessoas (desenvolvimento humano), de todas as pessoas (desenvolvimento social), das que estão vivas hoje e das que viverão no futuro (desenvolvimento sustentável)”.

É importante dizer que, desenvolvimento social significa desenvolvimento não desigual, isto é, desenvolvimento com redução de desigualdades, com inclusão social. Isso supõe a articulação de diversos fatores econômicos e extraeconômicos, como conhecimento e poder, além de renda e riqueza. A dinamização do desenvolvimento econômico, quando desvinculada de processos de conhecimento e poder, resulta, quase sempre, em concentração de renda e riqueza, combinada com exclusão social. (DE PAULA, 2001).

3 METODOLOGIA

O projeto desenvolvido apresentou como fundamento um estudo qualitativo, pois tratou as informações coletadas com os grupos informais e comunitários, cooperativas, e, ainda, aqueles que não foram formalizados, objetivando estruturar esses empreendimentos na economia solidária gerando emprego e renda da região da Amurel.

Para isso, o trabalho foi dividido nas seguintes etapas: referencial teórico sobre: Economia Solidária, Incubadora, Cooperativa e outros; trabalho com a incubadora social com empreendimentos de Economia Solidária.

Primeiramente, criou-se um planejamento de trabalho, para identificar os passos que a Incubadora realizaria, a necessidade de parcerias em todas as cidades, com o setor público e privado, e a divulgação.

.....

Cadernos Acadêmicos, Palhoça, SC, v.6, n. 1, Jan / Jul 2014



.....

Foi realizado um desenho do segmento, na economia solidária em Tubarão e região, para identificar os principais atores e suas respectivas atividades econômicas e sociais, a partir de dados coletados *in loco* e através de dados secundários.

Com a identificação do segmento, foram elencados pelo menos dois empreendimentos para formar os grupos de geração de trabalho e renda, e foram trabalhar estes grupos.

Realizou-se o acompanhamento dos empreendimentos, o plano de negócio, a estruturação e as formas para poder comercializar.

Ao final, foi feito relatório da ação do projeto da Incubadora Social.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O trabalho da Incubadora Social iniciou através do projeto de extensão do Programa FUMDES – Art. 171 que tinha como objetivo criar uma Incubadora Social e trabalhar com pelo menos dois empreendimentos de base social, com assessoria em gestão dos empreendimentos sociais, gerando assim emprego e renda.

O primeiro empreendimento detectado foi uma cooperativa de catadores de lixo. No mapeamento feito, foi descoberto que ela não existia, os agentes (catadores) queriam se formalizar, mas por forças políticas, não tinham infraestrutura para realizar as suas atividades. A Incubadora começou o seu trabalho, na realização de reuniões com os catadores, buscou parcerias, divulgação junto à Universidade, elaborou projeto para conquistar recursos para fazer um galpão de Reciclagem, e conquistou um galpão juntamente à Prefeitura, para os catadores.

A realização de parcerias foi muito importante, a grande parceira do projeto foi a Cáritas, com 22 grupos de empreendimentos informais e formais, empreendimentos organizados na economia solidária, dentre estes são:

- 06 grupos de artesanato. Público direto: 45. Indiretos: 223
- 01 grupo de extração e polpa de butiá. Público direto: 5. Indiretos: 30.
- 01 grupo de extração de óleos essenciais. Público direto: 3. Indiretos: 15 .
- 04 grupos de padarias comunitárias. Público direto: 38. Indiretos: 180.



-
- 02 grupos de serviço de faxina e limpeza nas casas e quintais. Público direto: 6. Indiretos: 16.
 - 02 grupos de costureiras. Público direto: 15. Indiretos: 48.
 - 03 grupos com crianças, com grupos de violão e artes. Público direto: 50. Indiretos: 189.
 - 02 grupos de pescadores. Público direto: 200. Indiretos: 2.000.
 - 01 grupo com cultura da mandioca. Público direto: 50 famílias.

Com essa parceria, a extensão do trabalho foi maior. A Incubadora acompanhou na elaboração do plano de negócio desses grupos, porém alguns grupos não terminaram e outros sim, que já estavam sendo acompanhados pela Cáritas e a Incubadora os apoiou.

Juntamente com a Cáritas, foi elaborado um projeto para recursos para a Feira de Economia Solidária em Laguna, sendo aprovado, pelo Fundo Nacional de Solidariedade com recursos de R\$10.000,00 para montar a feira. Oportunizou-se para esses empreendimentos a comercialização de seus produtos estimulando o consumo ético e justo da economia solidária. A feira ocorreu em janeiro de 2013.

A Incubadora Social através do projeto de extensão obteve os seus resultados alcançados e superados, com isso a comunidade teve apoio para os diversos problemas que acontecem no dia-a-dia de seus empreendimentos.

5 CONCLUSÃO

A Economia Solidária é uma forma de economia que muitas pessoas encontraram diante do capitalismo que exclui as pessoas, que gera desigualdades. É uma proposta de organização da produção alternativa ao modo de produção capitalista. Tem por base os princípios de autogestão, cooperação e solidariedade, democracia, distribuição equitativa das riquezas produzidas coletivamente, respeito pela natureza e valorização do ser humano.

Muitos trabalhadores encontraram no cooperativismo a solução para o desemprego, quando as empresas em que trabalhavam entravam em falência. É uma forma muito comum



.....

nos dias de hoje, um grupo de pessoas se reúne e monta uma empresa, mas em forma de cooperativa, pela isenção de alguns impostos e pela facilidade de formalizar.

O desenvolvimento local vai depender da estratégia de cada cidade, de extrair as suas potencialidades, de interagir com os fatores internos e externos, da cooperação entre grupos de empreendimentos, a articulação com centros de tecnologia e acesso a mercados.

As Incubadoras têm papel fundamental, na organização de ideias de negócios e transformação em oportunidades, sendo em seus diversos segmentos, nos variados tipos de incubadoras. A incubadora Social para esse projeto teve grande importância, por poder trabalhar com a inclusão social, geração de emprego e renda, diminuição das desigualdades socioeconômicas, cidadania, a educação, o desenvolvimento local, e outras.

O trabalho realizado pela estudante extensionista com a Incubadora Social foi o acompanhamento de uma cooperativa de catadores de lixo, que foi conquistando parcerias, aprovação de um projeto para reforma de um galpão, sendo que por meio de uma pesquisa em Cartórios, Prefeitura e União, foi descoberto um possível galpão que está em nome do Estado, para instalação da cooperativa.

Foram acompanhados, ainda, empreendimentos de economia solidária nos segmentos de padaria, agricultura familiar, artesanatos, pescados, entre outros. A elaboração do plano de negócio é importante, para poder conhecer melhor o seu pequeno negócio, pensar nele estrategicamente. Entretanto, a grande dificuldade para todos é a comercialização de seus produtos, a dificuldade de notas fiscais e pontos comerciais para vendas.

A continuidade da Incubadora Social poderá trazer grandes benefícios para Tubarão e região, gerando muito mais trabalho e renda, e tirando famílias de situações de vulnerabilidade social.

REFERÊNCIAS

AMADEO, Edward. Mercado de trabalho e do emprego sob a política de estabilização. In: **Abertura e ajuste do mercado de trabalho no Brasil**: políticas para conciliar os desafios de emprego e competitividade. Ministério do trabalho e emprego, Brasília: 1999.

.....

Cadernos Acadêmicos, Palhoça, SC, v.6, n. 1, Jan / Jul 2014



.....
ANPROTEC . Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores. **Panorama Nacional 2005**. Disponível em: <<http://WWW.anprotec.org.br>>. Acesso em: 09 nov 2011.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

BAQUERO, Marcello. **Capital Social**. In: CATTANI, Antônio D. (org). A outra economia. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

BENATO, João Vitoriano Azoli. **O ABC do cooperativismo**. São Paulo: Instituto de Cooperativismo e Associativismo, 1994.

BERTUCCI, Jonas de Oliveira. **A Economia Solidária do Pensamento Utópico ao Contexto Atual**: um estudo sobre experiências em Belo Horizonte. 2005. 126 p. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

BOISIER, S. **Post-scriptum sobre desenvolvimento regional**: modelos reais e modelos mentais. Planejamento e Políticas Públicas, Brasília, n.19, p. 309-343,1999.

BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BUARQUE, S. C., **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**. Projeto de Cooperação Técnica INCRA/IICA PCT – INCRA/IICA, Material para orientação técnica e treinamento de multiplicadores e técnicos em planejamento local e municipal, Brasília 1994. Disponível também em <http://www.iica.org.br/Docs/Publicacoes/PublicacoesIICA/SergioBuarque.pdf> . Acesso em 29 de outubro de 2008.

CASAROTTO FILHO, Nelson. **Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local**: estratégias para a conquista da competitividade global com base na experiência italiana. São Paulo: Atlas, 2001.

COLEMAN, J. **The Foundations of social Theory**. Cambridge: Belknap Press, 1990. Comunicação apresentada na reunião anual da Latin American Studies Association – Contexto, 2003, p.45-72.

COUTINHO, Maria C. et al. **Novos caminhos, cooperação e solidariedade: a psicologia em empreendimentos solidários**. Psicologia & Sociedade; 17 (1): 17-28; jan/abr.2005.

CRUZ, Antônio. **Uma contribuição Crítica às Políticas Públicas de Apoio à Economia Solidária**. Campinas, 2002.

.....
Cadernos Acadêmicos, Palhoça, SC, v.6, n. 1, Jan / Jul 2014



.....

CULTI, M.N. **Reflexões sobre incubagem de empreendimentos coletivos e seus limites.** Texto apresentado na Primeira Conferência Nacional de Economia Solidária da REDE UNITRABALHO. São Paulo: Mimeo, 2002.

_____. **Economia solidária no Brasil** – Tipologia dos empreendimentos econômicos solidários. São Paulo: Todos os Bichos, 2010.

CUNHA, Gabriela Calvacanti. **Dimensões da luta política nas práticas de Economia Solidária.** IN: SOUZA, André Ricardo; _____; DAKUZAKU, Regina Yoneko. Uma outra economia é possível: Paul Singer e a economia solidária. São Paulo: Contexto, 2003, p.45-72.

_____. **Dimensões da luta política nas práticas de Economia.** Curso de formação de formadores. São Paulo: ADS, 2004.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS -DIEESE. **A situação do trabalho no Brasil.** São Paulo: 2001.

DE PAULA, Juarez. **Desenvolvimento e gestão compartilhada.** In: SILVEIRA, Caio Márcio; REIS, Liliane Costa. Desenvolvimento Local: dinâmicas e estratégias. Rio de Janeiro: Comunidade Solidária/Governo Federal/Ritz, 2001.

DOWBOR, Ladislau; CACCIABAVA, Silvio. **Políticas Municipais de Emprego.** 1996. Disponível em: < <http://dowbor.org/artigos.asp>>. Acesso em: 12 out. de 2011.

EID, F., GALLO, A. R. **Metodologia de Incubação e desafios para o cooperativismo popular:** uma análise sobre o trabalho da Incubadora de Cooperativas Populares da UFSCar, Seminário de Metodologia de Projetos de Extensão – SEMPE. Universidade Federal de São Carlos, 2001.

FÁBRICA CARIOCA DE CATALISADORES. **Incubadoras Sociais. 2009.** Disponível em: <http://WWW.fccsa.com.br/templates/fcca/index.asp?cod_idioma=1> Acesso em: 15 Jun 2009.

FAVARETO, Arilson. **Economia solidária** – o que estamos fazendo? In: Curso de formação de formadores. São Paulo: ADS, 2004.

FLORES, Margarita e RELLO, Fernando. **Capital Social:** virtudes y limitaciones. Comunicação apresentada na reunião anual da Latin American Studies Association – LASA 2001. Washington DC, 2001.

FRANCO, Augusto de. **Porque precisamos de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável.** Brasília: MILL AMADEO, Edward. **Mercado de trabalho e do emprego sob a**

.....

Cadernos Acadêmicos, Palhoça, SC, v.6, n. 1, Jan / Jul 2014



.....
política de estabilização. In: Abertura e ajuste do mercado de trabalho no Brasil: políticas para conciliar os desafios de emprego e competitividade. Ministério do trabalho e emprego, Brasília: 1999.

_____. **Porque precisamos de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável.** Brasília: MILLENNIM, 2000.

FRANTZ, Walter. **Desenvolvimento local, associativismo e cooperação.** 2002. Disponível em: <<http://www.unijui.tche.br/~dcre/frantz.html>>. Acesso em: jul. 2007.

GALLON, Alessandra Vasconcelos. **Metodologia Multicritério para Auto-avaliação do Microdistrito Industrial (MIDI) Tecnológico com vistas a alavancar se desempenhando e de suas EBTs Incubadas.** Tese: Doutorado de Engenharia de Produção-Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

GAWLAK, Albino; RATZKE, Fabiane. **Cooperativismo: primeiras lições.** Brasília: SES-COOP, 2004.

GIRELLI, Scheila. Incubadoras Sociais Perspectivas e Desafios na Consolidação da Economia Solidária. **Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares - ITCP – UNOCHA-PECÓ.** Chapecó S.C.2007. Disponível em: <<http://www.itcp.usp.br/drupal/node/540>>. Acesso em: 12 out. de 2011.

GUIMARÃES, Roberto C. et al. Pré-Incubadora de projetos sociais: um estudo de caso da experiência da FACESM. In: CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA DE GESTÃO, 15, 2010. **Anais eletrônicos** ...Disponível em: <http://www.excelenciaemgestao.org/Portals/2/documents/cneg6/anais/T10_0257_1218.pdf>. Acesso em: 12 out. de 2011.

HAGEL FILHO, Ricardo Antônio Bittar. **A precarização do trabalhador rural por meio das cooperativas de trabalho.** Tese de mestrado. Franca (SP): UNESP, 2003.

HAVERI, Arto. “**Strategy of comparative advantage in local communities**”, 1996. Disponível em www.uta.fi (mimeo.), acesso em 13 jul 2009 .

JESUS, Paulo; RIOS, Gilvando Sá Leitão; SOARES, Guilherme José de Vasconcelos; PIRES, Maria Luiza Lins e Silva. **Introdução ao estudo da economia solidária em Pernambuco.** In: GAIGER, Luiz Inácio (Org.). Sentidos e experiências da Economia Solidária no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

KLAES, Luiz Salgado. **O ideário cooperativo e sua influência no Movimento e na Legislação cooperativista brasileira.** Florianópolis: CPJA, 1982.

.....
Cadernos Acadêmicos, Palhoça, SC, v.6, n. 1, Jan / Jul 2014



.....
LISBOA, Armando. **Os desafios da Economia Popular e Solidária**. Florianópolis: UFSC, 2000. Disponível em: <http://www.pacs.org.br>

_____. **Desenvolvimento uma ideia subdesenvolvida**. Florianópolis: UFSC, 1995.

LISBOA, T.C., BONASSI, S.A., **O associativismo como estratégia competitiva no varejo: Um estudo de caso na AREMAC – A M – Associação Regional de Material de Construção da Alta Mogiana**, Revista Eletrônica da Administração – Facef- vol.02- Edição 03, 2003.

MACHADO, Ana Flávia; MOREIRA, Maurício M. **Os Impactos Da Abertura Comercial Sobre A Remuneração Relativa Do Trabalho No Brasil**. Belo Horizonte: Cedeplar, 2001. Disponível em: <www.cedeplar.ufmg.br>. Acesso em: 01 jun. de 2008.

MAGALHÃES, Ósia A.V. **A (auto) gestão do humano**. 2004, 50f. Monografia (Bacharelado em Administração). Escola de Administração. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2004.

MARX, Karl. **O capital: crítica à economia política**. Livro I Vol. I. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

MELO NETO, J.F. **De Extensão universitária como trabalho social útil**. Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Educação. João Pessoa: Mimeo, 2002.

MILANI, Carlos. **Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil)**. In: Capital social, participação política e desenvolvimento local: atores da sociedade civil e políticas de desenvolvimento local na Bahia. Escola de Administração da UFBA (NPGA/NEPOL/PDGS). 2005.

NASCIMENTO, Cláudio. **A Autogestão e o Novo Cooperativismo**. Brasília: Mimeo, 2004.

OLIVEIRA, Carlos Roberto de. **História do Trabalho**. São Paulo: Ática, 1987. 94p. p. 309-343,1999.

POCHMANN, Márcio. Desemprego e políticas de emprego: tendências internacionais e o Brasil. In: OLIVEIRA, Marco Antônio de (org.). **Economia e Trabalho**. Campinas: UNICAMP. IE, 1999.

_____. **Economia solidária no Brasil: possibilidades e limites**. Mercado de Trabalho: conjuntura e análise. Brasília, 2004.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

.....
Cadernos Acadêmicos, Palhoça, SC, v.6, n. 1, Jan / Jul 2014



.....
RECH, Daniel. **Cooperativas**: uma alternativa de organização popular. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos sociais e participação**. In: SORRENTINO, Marcos. (Coord.). **Ambientalismo e participação na contemporaneidade**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2001.

SCHNEIDER, José Odelso. **Democracia, participação e autonomia cooperativa**. 2. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. SANTA CATARINA-SEBRAE. **Quais as incubadoras existentes**. Disponível em: <<http://www.sebrae-sc.com.br/faq/default.asp?vcduto=4827>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

SINGER, Paul; SOUZA, André R. de. **A Economia Solidária no Brasil**: A autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **A Cidadania para Todos**. IN: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. (Organizadores). **A História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Economia Solidária no Brasil**: possibilidades e limites. Mercado de Trabalho: conjuntura e análise. 2004.

_____. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002 .

SOUFEN, E., **Associativismo e cadeia produtiva**. Central do Associativismo, 2008. Disponível em ; <http://centraldoassociativismo.com.br/modules/mastop_publish/?tac=133>, acesso em maio de 2009.

TAUILE, José Ricardo. **Do socialismo de mercado à economia solidária**. Disponível em: <www.ie.ufrj.br>. Acesso em: 14 de out. de 2011.

ZAPATA, Tânia et al. **Desenvolvimento local**: estratégias e fundamentos metodológicos. Rio de Janeiro: Ritz, 2001.

